12–13
NOVEMBRO
2026



II Jornadas

NORTEAR A CERÂMICA

AUDITÓRIO
PAÇOS DO
CONCELHO

Barcelos

organização

apoio

Este trabalho foi apoiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, UI, no âmbito do projeto UID/04509/2025: Laboratório de Paisagens, Patrimônio e Território (DOI: 10.54499/UID/04509/2025)



COMUNICAÇÕES



Cerâmicas da Pré-história Recente da região do Minho: Segredos escondidos.

Luciano Vilas Boas
FCT (ref.2020.07121)/ Universidade do Minho/ LAB2PT

Nota biográfica
Luciano Miguel Matos Vilas Boas é licenciado e mestre em Arqueologia pela Universidade do Minho. Desenvolve atividade profissional na área da arqueologia desde 2004, participando em diversos projetos de investigação sobre a Pré-História Recente no noroeste de Portugal. Encontra-se a terminar a tese de doutoramento na Universidade do Minho. Em 2019, venceu o Prémio de História Local Dr. Manuel Monteiro, que deu origem à publicação da obra A Pré-História Recente da Serra do Carvalho. É autor de publicações científicas, capítulos de livros e comunicações em congressos. Nos tempos livres, dedica-se às viagens, à leitura, à música e à visita de museus.

Resumo
A Cividade de Bagunte (Vila do Conde, Porto), um povoado fortificado, comprovadamente da Idade do Ferro com claras influências da Romanização, tem sido alvo, nos últimos anos, de intervenções arqueológicas sistemáticas.
Os contextos estudados apontam para uma ocupação contínua, desde o século II a.C. ao final do século II d.C./início do século III d.C.. O material cerâmico exumado aparece maioritariamente em contextos domésticos e apresenta características típicas de contextos tardios da Idade do Ferro, já com muito material de importação de centros de produção romanos e peças de fabrico local que documentam uma transição e adaptação das tipologias de origem endógena às tipologias exógenas, sobretudo fruto da influência romana.
As pastas são sobretudo acastanhadas, alaranjadas e beges, de cozedura realizada em atmosfera oxidante, com alguns exemplos de pastas bastante depuradas ou com elementos desengordurantes já muito triturados à base de micas e areia. Praticamente todos os fragmentos pertencem a recipientes feitos a roda, com poucos exemplos decorativos.
Recolhemos um grande número de fragmentos cerâmicos pertencentes a diferentes tipos de recipientes: vasos de grande porte para armazenagem (dolia); ânforas (na grande maioria fragmentos de Haltern 70 e alguns fragmentos de Lusitana ovoide); vasos de suspensão; e vários tipos de vasos de fundo plano, de pequena dimensão, sobretudo de perfil em S contínuo, ou de bordo curto e colo estrangulado.
Propomos assim apresentar, não só alguns exemplos dos grupos tipológicos mais representativos, mas também de algumas peças mais singulares, cuja divulgação possa talvez abrir o caminho à discussão e à criação de paralelos com outros sítios arqueológicos do noroeste.



As Vasillas Tipo Vigo da cerámica castrexa das Rías Baixas. Problemáticas involucradas na investigación e xestión arqueolóxica e custodia museográfica

Josefa Rey Castiñeira
Profesora jubilada da Universidade de Santiago de Compostela (USC)

Nota biográfica
Profesora de Prehistoria da Universidade de Santiago de Compostela (USC), xubilada. A tese de doutoramento e unha boa parte da investigación refírese a cerámica da Idade do Ferro do Noroeste peninsular ibérico con enfoques aplicados relacionados coa etnoarqueoloxía, a arqueoloxía experimental, xeoarqueoloxía e arqueometría; todo iso baixo o marco da arqueoloxía contextual, sobre todo.

Resumo
Centrando as casuísticas de estudo nun tipo cerámico concreto, as vasillas tipo Vigo, o obxectivo é incidir na importancia da actuación coordinada dos diferentes sectores que administran e investigan este tipo de materiais arqueolóxicos.
En concordancia co incremento progresivo de novidades metodolóxicas e de enfoques referidos a recuperación, divulgación e estudo dos materiais arqueolóxicos fai que sexa cada vez mais necesario un deseño mais fluído, mais explícito e permanente de protocolos acordados, que favorezan a interacción entre eles.



A produção cerâmica em Lisboa nos séculos XIV-XVII: reflexões arqueológicas

André Teixeira
Departamento de História e CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Nota biográfica
Licenciado em História e em Arqueologia, mestre e doutor em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde é professor e investigador do CHAM. Foi responsável por escavações arqueológicas nos castelos de Penamacor, Castelo Novo e Almeida, nas antigas cidades portuguesas de Azamor, Safim, Alcácer Ceguer e Ceuta, no Norte de África, e na Ribeira Grande de Santiago e no Tarrafal, em Cabo Verde

Resumo
Lisboa é uma cidade de grande tradição oleira, tendo as suas produções abastecido parte importante do país, mas depois também vastas áreas da expansão atlântica. Desde há cerca de três décadas que se vêm fazendo achados arqueológicos relacionados com esta actividade, tanto na própria cidade, como no seu entorno. Contudo, nem sempre se tem realizado o seu estudo exaustivo, faltando também visões globais sobre outras produções além das faianças.
Nos últimos anos temos procurado incrementar a investigação sobre este tema, quer pessoalmente, quer estimulando o desenvolvimento de trabalhos académicos. Procura-se caracterizas os diversos fabricos, apurar cronologias e fornecer novos dados sobre as estruturas de produção, procurando traçar linhas de continuidade e ruptura entre os diversos espaços de laboração. Nesta comunicação pretendemos fazer uma síntese destes trabalhos.



O mundo dos púcaros: invenção, prestígio e declínio de uma cerâmica de corte (séculos XVI–XVIII)

Paulo Dordio
CITCEM (Universidade do Porto).

Nota biográfica
Paulo Dordio é arqueólogo e investigador do CITCEM (Universidade do Porto). Dedica-se aos estudos cerâmicos arqueológicos, com base nos conjuntos das escavações da Casa do Infante (Porto) e do Convento de Santa Clara-a-Velha (Coimbra). Sobre os púcaros, publicou um artigo em 2019 (a partir do XI Congresso AIECM3, Antalya, 2015) e apresentou comunicação no XIII AIECM3 (Granada, 2021).

Resumo
Os púcaros, pequenos recipientes de barro odorífero destinados sobretudo ao consumo de água, foram durante séculos peças utilitárias e humildes. Entre os séculos XVI e XVIII conheceram, porém, um processo de resignificação que deslocou o foco do objeto-mercadoria para o objeto como portador de sentidos sociais e simbólicos. Esta comunicação propõe-se reconstituir esse percurso em três tempos — invenção, difusão e declínio —, articulando fontes documentais, literárias, arqueológicas e o coleccionismo.
Defende-se que a consolidação do púcaro como artefacto de prestígio se deu no estrado feminino das elites ibérico-habsburgas do Quinhentos, processo legível numa cadeia de inventários régios e de dádivas dinásticas que ligam Portugal, Castela, a Áustria e a Itália, e documentado pela arqueologia, com destaque para as colecções do mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra. A partir daí, a moda difundiu-se por imitação descendente, atingindo camadas mais amplas e estimulando novas produções peninsulares e americanas.
Esse apogeu coincide, porém, com o início de um declínio prolongado, entendido não como desaparecimento abrupto mas como substituição gradual do modelo cultural ibérico pelo francês, com bolsas de persistência tardia. É também nesse momento que o púcaro atinge o cume da sua resignificação: de objeto de gosto, faz-se objeto de saber, integrando o cruzamento de sensorialidade, medicina e curiosidade que caracteriza a chamada «ciência barroca». Sugere-se, por fim, que, enquanto esse registo erudito se extingue, a tradição encontra na cultura cerâmica popular a sua maior resistência.



Quatro séculos de produção no Museu de Cerâmica de Alcobaça: Colecção Maria do Céu e Luís Pereira de Sampaio

Jorge Pereira de Sampaio
CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Nota biográfica
Licenciado em História (1993), Mestre em História da Arte (1999) e Doutor em História na variante de História da Arte pela Universidade Lusíada (2006).
As suas dissertações de Mestrado e Doutoramento centraram-se na História da Cerâmica Portuguesa dos séculos XVIII/XIX.
É Técnico Superior da MMP no Mosteiro de Alcobaça, monumento que dirigiu entre 2010 e 2015.
É Colaborador Doutorado do CHAM-NOVA e membro da Academia Portuguesa da História.

Resumo
A Colecção Maria do Céu e Luís Pereira de Sampaio conta com alguns milhares de peças de Arte, num arco cronológico entre o século XIV e a actualidade, destacando-se a Cerâmica, com início na produção do Período Pombalino. Em 2013, a Família criou o Museu de Cerâmica que, em 2024, foi doado ao Município, com orientação museográfica de Fernando António Baptista Pereira, reabrindo portas em Junho de 2026. A exposição que é apresentada permite uma narrativa que abrange a produção barrista do Mosteiro, alguns testemunhos das olarias alcobacenses do mesmo período, e prossegue com a criação da indústria utilitária e decorativa do último quartel do século XIX, fazendo uma viagem no tempo em que estão presentes todos os estilos formais e decorativos que marcaram cada época, incluindo o que foi e continua a ser exportado e leva o nome de Alcobaça ao estrangeiro que, por sua vez, influencia o gosto na produção desde o pós-guerra em 1945.
O gosto coimbrão que é característico do período inicial vai-se mantendo ao longo de meio século, até surgir a segunda fábrica em 1927 e, a partir daí, é criado um estilo que se vem a afirmar como a louça artística de Alcobaça. A partir da década de 1950, novas fábricas levam a novas tendências e surge um design de inspiração modernista. A partir da década de 1980, o design entre definitivamente como personagem principal na cerâmica que se produz até hoje, sempre com novas colecções anuais.



Fontes documentais medievais e modernas para a história dos oleiros portugueses

Saul António Gomes
Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras / Investigador integrado do CHSC da UC

Nota biográfica
Saul António Gomes é docente de Paleografia e Diplomática e de outras cadeiras de História Medieval na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Integra o CHSC, da UC, colaborando com o CEHR da UCP e com o CIJVS, de Santarém. É membro correspondente da Academia Portuguesa da História e da Commission internationale de Diplomatique (Paris). Preside, atualmente, à Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais.

Resumo
As fontes documentais paleográficas medievais e modernas, disponíveis em arquivos centrais, regionais e locais, oferecem uma informação privilegiada para o conhecimento de uma geografia histórica dos oleiros em Portugal, permitindo tanto a elaboração de microbiografias, num contexto metodológico prosopográfico, quanto o reconhecimento dos seus modos de trabalho e formas de organização e de trabalho nas comunidades que integravam. Esta comunicação propõe-se explorar e exemplificar, a partir da exploração de algumas dessas tipologias documentais, quadros da vida pretérita desses antigos mesteirais e artesãos.



Oleiros de Guimarães no séc. XVIII: o seu viver através de documentação arquivística

António José de Oliveira
CITCEM, Universidade do Porto

Isabel Maria Fernandes
Lab2PT, Universidade do Minho

Nota biográfica

António José de Oliveira licenciou-se em Ciências Históricas (ramo científico), possui o grau de mestre em História e Cultura Medievais, pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho e doutorou-se na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em História de Arte Portuguesa (2012), com a tese "Clientelas e artistas em Guimarães nos séculos XVII e XVIIII". É investigador integrado do CITCEM e docente do quadro do Agrupamento de Escolas Francisco de Holanda.

Isabel Maria Fernandes licenciou-se em História, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, possui o Curso de Conservador de Museu e doutorou-se no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (2013), com a tese «A loiça preta em Portugal: estudo histórico, modos de fazer e de usar». Tem escrito principalmente sobre cerâmica portuguesa. Integra as unidades de investigação Lab2PT e IN2PAST.

Resumo

A partir de documentação de arquivo respeitante ao século XVIII procurar-se-á dar a conhecer alguns aspetos da vida dos oleiros vimaranenses: onde viviam, como viviam, aquisição do barro, peças produzidas, modos de comercialização da loiça, fenómenos de migração e modos de socialização interprofissional. Esta análise só foi possível através da pesquisa sistemática em fontes arquivísticas como: fundo notarial, tombos dos bens do concelho, livros paroquiais e livros das vereações da Câmara (Arquivo Municipal Alfredo Pimenta); livros de atas (Arquivo da Misericórdia de Guimarães); livros das Irmandades do Convento de São Domingos, do Arquivo da igreja paroquial de São Paio (antigo Convento de São Domingos); livros das Confrarias do Convento de São Francisco e livros de termos da Ordem Terceira de São Francisco (Arquivo da Venerável Ordem Terceira de São Francisco). Ao recorrer-se a este vasto conjunto de documentação foi possível cruzar informação e extrair dados consistentes sobre estes oleiros e sobre as olarias que abasteciam a vila vimaranense e as terras mais próximas com o vasilhame de barro necessário ao quotidiano das gentes.



A roda que non para: unha perspectiva ecofeminista da tradição louceira de Bamio

Beatriz Comendador Rey
Faculdade de História, Universidade de Vigo

Nota biográfica
Beatriz Comendador Rey é arqueóloga e doutora em Geografia e História. Professora Doutora na Área de Pré-História da Universidade de Vigo, integra o Grupo de Estudos de Arqueologia, Antiguidade e Território (GEAAT). Desenvolveu atividade profissional em museus, investigação arqueológica e valorização do património cultural, participando em diversos projetos científicos e de divulgação. É autora de numerosas publicações sobre Pré-História e Arqueologia do Noroeste Peninsular, destacando-se igualmente pela sua atividade de comunicação e reflexão pública sobre a arqueologia e o património.

Resumo
As fontes documentais paleográficas medievais e modernas, disponíveis em arquivos centrais, regionais e locais, oferecem uma informação privilegiada para o conhecimento de uma geografia histórica dos oleiros em Portugal, permitindo tanto a elaboração de microbiografias, num contexto metodológico prosopográfico, quanto o reconhecimento dos seus modos de trabalho e formas de organização e de trabalho nas comunidades que integravam. Esta comunicação propõe-se explorar e exemplificar, a partir da exploração de algumas dessas tipologias documentais, quadros da vida pretérita desses antigos mesteirais e artesãos.



Caraterização química e microestrutural de argilas e cerâmicas comuns do centro produtor de Prado (Vila Verde)

Fernando Castro
Lab2PT, Universidade do Minho e W2V, Lda

Tiago Teixeira
W2V, Lda

Nota biográfica

Fernando Castro - Professor catedrático de engenharia de materiais, aposentado da Universidade do Minho. Tem dedicado parte da sua atividade de investigação ao estudo químico das cerâmicas tradicionais, possuindo uma base de dados com mais de 6 000 resultados, que permite identificar proveniências de fabricos, com particular interesse para a investigação arqueológica. A sua atividade principal de investigação é a metalurgia e o processamento de resíduos industriais É autor de mais de 300 publicações, cerca de metade das quais em contexto internacional.
Tiago Teixeira - Licenciado em Química analítica pela Universidade do Porto, é investigador na empresa W2V, Lda, dedicando-se a estudos no âmbito da caraterização de materiais e valorização de resíduos industriais.

Resumo

Serão apresentados os resultados da caracterização química e microestrutural de diversas argilas utilizadas na produção de cerâmica comum no centro oleiro de Prado. Serão igualmente apresentados os resultados de ensaios de levigação, incluindo a determinação da composição química e mineralógica das diferentes frações granulométricas obtidas.
Os dados serão comparados com os resultados da caracterização de cerâmicas contemporâneas e de materiais cerâmicos de proveniência arqueológica. A análise integrada destas informações permitirá discutir possíveis relações entre as matérias-primas locais, os produtos cerâmicos e as técnicas de preparação das pastas, contribuindo para a formulação de hipóteses sobre os processos tradicionalmente utilizados no tratamento e na transformação das argilas.



Para além da forma: resíduos orgânicos em cerâmicas funerárias da Idade do Bronze (Noroeste Peninsular)

João Vinícius Back
Investigador independente

Nota biográfica
Mestre em Arqueologia pela Universidade do Minho. Foi investigador visitante no Laboratório HERCULES da Universidade de Évora, no âmbito da sua dissertação. É licenciado e bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil) e, recentemente, foi bolseiro de investigação – nível de mestrado – no projeto Cultur-Monts, no Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT/Universidade do Minho).

Resumo
A análise de resíduos orgânicos preservados em recipientes cerâmicos constitui uma abordagem privilegiada para o estudo da funcionalidade da cerâmica arqueológica, permitindo explorar práticas de utilização e de recursos específicos que, dificilmente, seriam identificáveis apenas através da análise tipológica ou contextual. Esta comunicação tem como objetivo apresentar o potencial desta abordagem a partir de um estudo direcionado a recipientes cerâmicos provenientes de contextos funerários da Idade do Bronze Médio do Noroeste da Península Ibérica. Com base na caracterização química dos resíduos orgânicos por Cromatografia Gasosa acoplada à Espectrometria de Massa (GC-MS), discutem-se as possibilidades e os contributos desta abordagem para a interpretação da funcionalidade dos recipientes, dos seus ciclos de vida e do seu papel nas práticas mortuárias. Pretende-se, assim, evidenciar o contributo da Arqueometria para os estudos cerâmicos, reforçando o papel da integração entre dados de distintas naturezas para a interpretação arqueológica das sociedades da Pré-História Recente.



Centro de Interpretação Barro de Mafra, espaço de memória

Maria Manuel Bringel
Câmara Municipal de Mafra

Nota biográfica
Maria Manuel Bringel é licenciada e mestre em Antropologia pela FSCH-Universidade Nova de Lisboa. Trabalha na Câmara Municipal de Mafra desde 2000, onde atualmente desempenha as funções de dirigente da Unidade de Museus e Centros de Interpretação. No âmbito da sua atividade de investigadora, tem publicado diversos trabalhos sobre a olaria e o figurado de barro de Mafra.

Resumo
Recém-criado em 2024, o Centro de Interpretação Barro de Mafra é uma estrutura museológica dedicada à temática da olaria tradicional e do figurado de barro mafrenses, tendo por objetivo a divulgação dessas importantes produções locais, que tornaram o Concelho de Mafra num dos centros oleiros de referência no contexto nacional.
Esta instalação foi fruto de anos de pesquisa que a todos os oleiros e barristas concelhios se deve; foram recolhas de terreno, inúmeras visitas às unidades de produção oleiras e de figurado, horas de conversas e registo das suas memórias. Com efeito, este projeto não teria sido possível sem todo o conhecimento transmitido pelos oleiros sobre o seu ofício ou sem a preciosa colaboração que prestaram em todo o processo de instalação do Barro de Mafra.
Com esta missão, o Centro de Interpretação Barro de Mafra pretende ser um espaço de preservação da memória da comunidade oleira e onde esta se revê.
Todo o espaço expositivo, que se encontra complementado por textos de apoio, mapa do concelho e iconografia variada, possui ainda códigos QR, em português e inglês para maior abrangência de conteúdos, estando organizado por áreas temáticas.
Para terminar, não obstante os desafios que esta indústria teve de enfrentar ao longo do tempo e as novas conjunturas geradas pelos processos de globalização, a olaria artesanal local tem conseguido preservar a sua identidade, continuando a constituir um dos mais sólidos esteios de afirmação do património cultural do Município de Mafra.



Nortear e desnortear a cerâmica: o papel de Joaquim de Vasconcelos (1849-1936)

Sandra Leandro
Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo; IHA, FCSH - UNL; UE

Nota biográfica
Historiadora de Arte, Directora do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo e Professora Associada na Universidade de Évora. Doutorada pela Universidade Nova de Lisboa com a tese *Joaquim de Vasconcelos (1849-1936) Historiador, Crítico de Arte e Museólogo* (2008) é licenciada e mestre, pela mesma instituição, com a dissertação *Teoria e Crítica de Arte em Portugal (1871-1900)* (1999). Com diversos trabalhos publicados, tem realizado o comissariado de exposições, entre outras: *Lino António* (1898-1974) (1998–1999); *Redes sem mar* (2010); *Museu Infinito* (2016); *Mão inteligente: Raquel Roque Gameiro* (2017-2018); *Nós e os outros* (2018-2019); *Evelina Oliveira: Menina-Floresta* (2021); *Todas as cores - Guida Ottolini* (1915-1992), (2024-2025), *À Luz de uma Estrela Faria* (1910-1976)*: uma exposição de um Espólio* (2026).

Resumo
«Não fora ele [Joaquim de Vasconcelos], que seria das olarias, da cerâmica popular?» – referia Carlos de Passos. Quando realizou a conhecida Exposição de Cerâmica no Palácio de Cristal, que organizou para a Sociedade de Instrucção do Porto (SIP) em 1882, Vasconcelos tinha noção do pioneirismo desse certame «de cerâmica, ou olaria nacional, com carácter essencialmente popular».
A valorização tanto do que era prática ancestral na cerâmica, como dos produtos que as fábricas iam produzindo no seu tempo, revela uma visão simultaneamente estética e prática de um entendimento quer Etnológico, quer de pré-Design e também uma percepção social e política. Joaquim de Vasconcelos não queria, tal como Oliveira Martins não desejava, que Portugal fosse apenas «Uma granja e um banco». Era necessário para a vida do país que a indústria se desenvolvesse e que as manufacturas fossem consideradas.
Quando a exposição inaugurou, José Gouveia Osório, Presidente da SIP, não escondeu a querela táctica entre o poder público e a iniciativa privada. Lamentava que o Ministro das Obras Públicas Comércio e Indústria não tivesse podido inaugurar a exposição, pois todo o grémio estava empenhado em fazer notar a importância da instrução, a necessidade de orientar os operários através de boas escolas de desenho e de modelação, necessidade vital para determinadas indústrias locais que desfaleciam devido a essa carência.
Ao longo da sua vida a dedicação de Vasconcelos ao tema da cerâmica foi praticamente constante. Poderá o desenho humorístico ajudar-nos a estabelecer correspondências entre o passado e o presente? Eis a nossa esperança de futuro.



Joaquim de Vasconcelos e a Exposição de Cerâmica Nacional. Porto, 1882

Isabel Maria Fernandes
Lab2PT

Nota biográfica
Isabel Maria Fernandes licenciou-se em História, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, possui o Curso de Conservador de Museu e doutorou-se no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (2013), com a tese «A loiça preta em Portugal: estudo histórico, modos de fazer e de usar». Tem escrito principalmente sobre cerâmica portuguesa. Integra as unidades de investigação Lab2PT e IN2PAST.

Resumo
A Exposição de Cerâmica Nacional realizou-se no Palácio de Cristal, no Porto, tendo aberto ao público a 22 de outubro e encerrado a 26 de novembro de 1882. Joaquim de Vasconcelos foi o principal mentor desta exposição, sendo responsável pela recolha das peças e pela escrita de numerosos textos. Principalmente com base nos dados constantes na Revista da Sociedade de Instrução do Porto, entidade promotora da exposição, analisa-se o modo como foi organizada – recolha de peças, barros e areias, modo de expor, demonstrações ao vivo, congresso de olaria, número de visitantes, receita e despesa, peças expostas, prémios atribuídos, levantamento fotográfico. Menciona-se também o curso de desenho e modelação, organizado na Fábrica de Cerâmica das Devesas, e que foi criado na sequência da exposição de Cerâmica Nacional. Conclui-se fazendo referência à intenção de criar um museu de Cerâmica, o qual nunca chegou a nascer, e à delapidação das peças e barros recolhidos. Desta importante recolha cerâmica, infelizmente, nada chegou aos nossos dias.



Visita da Rosa Ramalho a Coimbra uma pequena história

Guilherme Monteiro
Técnico aderecista no Teatro Nacional de São João

Nota biográfica
Guilherme Trigo Miranda Strecht Monteiro, nascido a 22 de janeiro de 1969 na cidade de Coimbra. Desde 1971 que vive, estuda, trabalha e desenvolve o seu trabalho artístico na cidade do Porto.
No ano de 1996 é convidado para trabalhar como técnico-artista no departamento de cenografia e adereços do Teatro Nacional de S. João no Porto, onde integra os quadros desta instituição no ano de 1997.
Fez o seu percurso académico até ao 12º ano na Escola Artística de Soares do Reis, Porto, frequentou até ao 3º ano o curso de Artes Plásticas-Pintura na Faculdade de Belas-Artes do Porto.
Desde muito novo que tem interesse no figurado de Barcelos e em geral na Arte Popular, por influência dos pais.
Em 2016 constrói uma câmara fotográfica "à la minuta" e desde aí que investiga, divulga, faz retratos e dá workshops sobre este tema.

Resumo
Divulga o espólio fílmico e fotográfico realizado por Manuel Strecht Monteiro (1941-2025) sobre Rosa Ramalho. No acervo podem encontrar-se fotografias de Rosa Ramalho quer na sua oficina quer em Coimbra, onde se deslocou a convite de Manuel Strecht Monteiro, de sua mulher (à época) ,Lionida Guilhermina Trigo de Miranda, e de um amigo Alberto Pinguinha.



Bolsa de Valores

Alberto Azevedo
Projeto A2

Nota biográfica
Alberto Azevedo, originário da cidade do Porto, fez a sua formação no Cearte em Coimbra. Desenvolve trabalho como ceramista e formador desde 1997, estabelece Atelier em parceria com a Designer Cristina Vilarinho, criam a logomarca "PROJETO A2", uma etiqueta para a criação de peças para a decoração de interiores. Faz parte dos "Desalinhados _ Cerâmica em Performance" e integra o "Coletivo Nómada".

Resumo
Um olhar sobre a cerâmica – Que valores lhe são atribuídos pela sociedade? A polissemia da palavra "valor" na cerâmica.
Projeto A2 –20 anos, um percurso |exemplos de projetos, formação.
Casa do Barro – aldeia do Telhado, história, tradições e comunidade | Abordagens alternativas da formação no ensino | Pode a formação ser um pilar fundamental para a preservação do saber-fazer tradicional? Será este saber-fazer, um trampolim para a exploração criativa?



Objetos de contenção: Função, Forma e Narrativa

Guilherme Braga da Cruz
ESD- UPCA; ID+

Nota biográfica
Guilherme Braga da Cruz (1978, Porto) é designer, produtor, curador, docente e colecionador. É Diretor Artístico do Forum Arte Braga e da Show Me – Design & Art Gallery, e docente na Escola Superior de Design do IPCA. Desenvolve curadoria, produção e investigação em design contemporâneo, encontrando-se atualmente a realizar o Doutoramento na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Resumo
O presente texto investiga o percurso histórico e simbólico das ânforas, analisando a sua transição de objetos puramente utilitários para linguagens conceptuais e experimentais no design contemporâneo. Na Antiguidade, estes recipientes eram fundamentais para o armazenamento e transporte marítimo de bens no Mediterrâneo, apresentando uma morfologia sofisticada e sistemas rudimentares de rastreabilidade através de epígrafes e selos.
Com o surgimento da arqueologia clássica, a ânfora foi revalorizada como um ícone de civilização e permanência. O texto utiliza como eixo central a obra Unknown Olive Oil, do artista Khaled Jarrar, que reinterpreta garrafas de cerâmica ancestrais como um comentário crítico sobre a perda de território, identidade e resistência na Palestina.
A análise estende-se a diversos autores que utilizam o "objeto de contenção" como plataforma narrativa. Artistas como Ai Weiwei e Grayson Perry fundem herança cultural com crítica social, enquanto designers como o duo Formafantasma exploram a ecologia e a materialidade especulativa. Abordagens tecnológicas, como a impressão 3D de Olivier van Herpt, e processuais, como as de Fernando Brízio, demonstram a fusão entre o gesto artesanal e a inovação tecnológica.
Em suma, o texto revela que a ânfora contemporânea transcende a função de guardar líquidos para se tornar um recipiente simbólico de ideias. Estes objetos manifestam a necessidade humana de preservar e reinventar o mundo, ligando a matéria ao significado num ciclo entre tradição e invenção.



POSTERES



Um ponto de partilha: cerâmica exumada nos trabalhos arqueológicos efetuados na Cividade de Bagunte, Vila do Conde

Ana Rita Filipe
APPA-VC

Nota biográfica
Ana Rita Filipe é licenciada em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 2007; integra o Projeto de Investigação da Cividade de Bagunte em 2015, através do Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde e da Associação de Proteção do Património Arqueológico de Vila do Conde, sendo corresponsável pelos trabalhos de escavação arqueológica desde 2021.

Resumo
A Cividade de Bagunte (Vila do Conde, Porto), um povoado fortificado, comprovadamente da Idade do Ferro com claras influências da Romanização, tem sido alvo, nos últimos anos, de intervenções arqueológicas sistemáticas.
Os contextos estudados apontam para uma ocupação contínua, desde o século II a.C. ao final do século II d.C./início do século III d.C.. O material cerâmico exumado aparece maioritariamente em contextos domésticos e apresenta características típicas de contextos tardios da Idade do Ferro, já com muito material de importação de centros de produção romanos e peças de fabrico local que documentam uma transição e adaptação das tipologias de origem endógena às tipologias exógenas, sobretudo fruto da influência romana.
As pastas são sobretudo acastanhadas, alaranjadas e beges, de cozedura realizada em atmosfera oxidante, com alguns exemplos de pastas bastante depuradas ou com elementos desengordurantes já muito triturados à base de micas e areia. Praticamente todos os fragmentos pertencem a recipientes feitos a roda, com poucos exemplos decorativos.
Recolhemos um grande número de fragmentos cerâmicos pertencentes a diferentes tipos de recipientes: vasos de grande porte para armazenagem (dolia); ânforas (na grande maioria fragmentos de Haltern 70 e alguns fragmentos de Lusitana ovoide); vasos de suspensão; e vários tipos de vasos de fundo plano, de pequena dimensão, sobretudo de perfil em S contínuo, ou de bordo curto e colo estrangulado.
Propomos assim apresentar, não só alguns exemplos dos grupos tipológicos mais representativos, mas também de algumas peças mais singulares, cuja divulgação possa talvez abrir o caminho à discussão e à criação de paralelos com outros sítios arqueológicos do noroeste.



O consumo de cerâmica do Mediterrâneo Oriental no complexo palatino da Falperra: o *Habitus* de uma elite Tardo Antiga

Alexandre Barros
Universidade do Minho

Nota biográfica
Ana Rita Filipe é licenciada em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 2007; integra o Projeto de Investigação da Cividade de Bagunte em 2015, através do Gabinete de Arqueologia de Vila do Conde e da Associação de Proteção do Património Arqueológico de Vila do Conde, sendo corresponsável pelos trabalhos de escavação arqueológica desde 2021.

Resumo
O habitus, mais que costume, refere-se ao conjunto de disposições que estruturam a sociedade em geral, cujos indivíduos incorporam através das suas experiências, orientando perceções, práticas e formas de agir de forma não consciente. Esta teorização permite compreender como a cultura material, mais especificamente a cerâmica, é o resultado e o vetor de disposições, gostos e práticas sociais. O consumo de determinadas peças recorre também a um conjunto de regras que foram incorporadas socialmente, reproduzindo códigos de distinção e expressão das relações de poder das elites. O povoado em altura da Falperra, que dista a 3 km da antiga capital da Gallaecia, no topo do monte de Santa Marta das Cortiças, apresenta um complexo palatino do século V/VI, no qual se observa uma importação bastante restrita de pratos, tigelas, taças e copos do mediterrâneo oriental, em Terra Sigillata Africana e Focense, juntamente com produções locais de imitação de formas sub-Gálicas, todas ligadas ao serviço de mesa. A identificação destas peças não é de todo circunstancial, e de igual forma, encontram-se relacionados com outros, como é o caso dos adornos metálicos de vestuário. Ambos os elementos, resultam da absorção de regras e comportamentos internalizados nas estruturas sociais. Argumentamos, a partir de Bourdieu, que o consumo destas peças cerâmicas correspondem aos desejos coletivos das elites tardo antigas da Falperra, cujos valores e símbolos atribuem significados nos objetos, tornando-se elementos de integração social. Estes produtos serviam uma forma de autopromoção social no decorrer de banquetes ou de cerimónias litúrgicas. Inclusive, o uso destas peças na Falperra, que se tem vindo a considerar uma sede régia, pode revelar as formas de representação do poder da Monarquia Sueva. O uso da cerâmica, neste contexto, trata-se de um instrumento que permeabiliza a coesão das elites, outorgando-as de uma forma ilustre que a distingue das restantes classes.



Do barro ao fogo: o forno telheiro da Quinta do Amorim, Braga (Portugal)

Jorge Ribeiro e David Mendes
Departamento de História | Lab2PT/ IN2PAST | ICS – UMinho

Nota biográfica
Jorge Ribeiro é doutorado em Arqueologia pela Universidade do Minho, com especialização em materiais e tecnologias da época romana. É investigador integrado do grupo LandS do LAB2PT/IN2PAST e Professor Auxiliar do Departamento de História da UMinho.
David Mendes licenciado em História variante Arqueologia pela Universidade do Minho. Arqueólogo responsável pelos trabalhos arqueológicos em 2009, realizados na Quinta do Amorim.

Resumo
Em 2009, no âmbito do projeto de construção do novo hospital de Braga (Portugal), situado nos arredores da cidade, o acompanhamento arqueológico de um antigo campo de tiro permitiu identificar uma mancha ocupacional caracterizada pela presença de tegulae, tijolo e blocos de argila de grande dimensão, indiciando a existência de uma estrutura construída em tijolo. Na sequência dessa descoberta, a escavação, dirigida por David Mendes, exumou um forno telheiro de grandes dimensões, com câmara rectangular e pequeno canal de alimentação, constituindo um dos quatro exemplares identificado na cidade até à data.
A caracterização da estrutura e a análise do seu contexto arqueológico permitem aprofundar o conhecimento sobre a produção oleira em Bracara Augusta, contribuindo para a compreensão das estruturas de produção de materiais cerâmicos de construção no território da cidade romana.



A olaria de Aveiro nos séculos XV–XVI: fornos e produção

Susana Temudo
Mestranda. Curso de História de Arte e Património (Universidade de Coimbra)

Nota biográfica
Arqueóloga. Licenciada em Arqueologia (2003) e pós-graduada em Museologia (2006) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Pós-graduação em arqueogeografia (2012) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e aluna de mestrado do curso de História de Arte e Património, especialização em história urbana na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Direção e codireção em vários trabalhos de arqueologia, escavações arqueológicas de salvaguarda, acompanhamento e prospeção. Publicações na área da cerâmica arqueológica, com especial incidência nas cerâmicas de Aveiro.

Resumo
Entre os séculos XV e XVI, Aveiro consolidou-se como um importante centro produtor de cerâmica, com uma olaria que abastecia tanto o mercado local como circuitos de exportação atlântica. A atribuição desse estatuto assenta numa tradição historiográfica que remonta ao último quartel de Oitocentos. Marques Gomes e Joaquim de Vasconcelos, no catálogo da Exposição Distrital de Aveiro de 1882, afirmaram que "o estabelecimento das primeiras olarias data do século XVI". Tese retomada por José Queiroz em *Cerâmica Portuguesa*, considerando a região aveirense "uma das mais antigas de Portugal". Esta visão, assenta sobretudo em fontes escritas e na toponímia (Bairro das Olarias, Travessa das Olarias, Rua dos Barreiros), manteve-se hegemónica durante o século XX.
A arqueologia das últimas duas décadas veio, contudo, problematizar esta cronologia. Amaro Neves, em 1975, assinalou a destruição de fornos nas traseiras do Convento de Jesus. Numa intervenção na Avenida de Santa Joana (2016/17), identificaram-se contextos selados datados da primeira metade do século XV, permitindo afirmar que "são (ainda) pouco conhecidos os indícios de ocupação humana anterior ao século XVI em Aveiro" e recuar a produção oleira para o quatrocentismo. Uma cronologia corroborada pela descoberta, em 2020, de parte de um forno nas traseiras do convento (os referidos por Amaro Neves em 1975), assim como pela descoberta de fornos na rua do Capitão de Souza Pizarro. Estes vestígios são coerentes com a documentação analisada por Isabel Fernandes, que regista a presença de oleiros em Aradas em 1431.
A leitura conjunta das fontes escritas e arqueológicas sugerem que o primitivo bairro oleiro se situava onde, em 1462, se instalou o Mosteiro de Jesus, impondo a transferência das oficinas para a zona sul da cidade. Porém, a existência de fossas com cerâmica deformada, dos finais do séc. XVI/inícios do XVII, junto ao Mosteiro de Jesus, contraria essa deslocação.



Incursões filosóficas na Arqueologia (II): o significado como uso em Ludwig Wittgenstein e o estudo das cerâmicas em seu contexto

Diego Machado
ICS/UAUM/Lab2pt

Nota biográfica
Diego Machado é licenciado em História (UNIRIO, 2015) e Arqueologia (UMinho, 2018), mestre em Arqueologia (UMinho, 2017) e doutorado em Arqueologia (UMinho, 2025). É investigador da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UAUM) e do Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT). Os seus principais interesses científicos são a Arqueologia Clássica, Tardo-Antiga e Urbana, bem como Teoria Arqueológica e da Cultura Material. Tem investigado, sobretudo, acerca das dinâmicas políticas e económicas dos momentos históricos marcados por significativas mudanças sociais e o aprofundamento teórico e metodológico que visa à integração de documentos de variadas naturezas numa matriz transdisciplinar.

Resumo
Recentemente, submetemos um artigo para publicação na Revista Bracara Augusta sobre as possibilidades do uso da multitemporalidade de Gilles Deleuze no estudo das cerâmicas tardo-antigas de Bracara (Machado, no prelo). Com o intuito de avançar com as nossas reflexões (ou incursões) filosóficas na Arqueologia, propomos para este trabalho explorar as ideias do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889–1951), sobretudo aquelas associadas à sua fase tardia, patentes na obra Investigações Filosóficas, publicada postumamente, em 1953, e as suas aplicações ao estudo das cerâmicas.
As reflexões sobre a filosofia da linguagem do Wittgenstein tardio baseiam-se na ideia de que o significado de uma palavra é o seu uso na linguagem, cujas aplicações podem ser tão variadas quanto os diferentes jogos de linguagem que elas se inserem e dão-lhes formas de vida. Não se pretende transpor diretamente uma teoria da linguagem para a cultura material, nem atribuir aos objetos uma linguagem própria, mas mobilizar essas noções como instrumentos heurísticos para interrogar a formação arqueológica do significado.
Acreditamos que o diálogo com os postulados wittgensteinianos constitui um contributo bastante positivo para o estudo das cerâmicas arqueológicas ao ir além da análise tipológica e classificatória, interrogando os contextos nos quais elas se inserem e que produzem os seus significados. Embora indispensáveis, as tipologias não esgotam aquilo que uma peça pode ser, pois recipientes formalmente semelhantes podem integrar práticas distintas, enquanto objetos diferentes podem desempenhar papéis aproximados. Um vaso qualquer, produzido de determinada maneira, com uma forma reconhecida, uma vez submetido ao uso pelos indivíduos que o obtiveram, adquire significados estabelecidos pela relação entre pessoas e objetos, mas, igualmente pelos demais materiais a ele associados, como a despensa de uma casa, a mesa de um jantar ou o depósito numa sepultura.



Memórias de barro: o forno no Largo dos Combatentes e a olaria vareira (Ovar)

Gabriel Rocha Pereira
Universidade de Évora

Nota biográfica
Gabriel Rocha Pereira, 1981. Licenciado em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Arqueólogo, responsável por vários trabalhos desenvolvidos especialmente no Norte e Centro do País, de que se destaca no Centro Histórico do Ovar a Rua Heliodoro Salgado, Praça da República, Rua da Fundação Pepolim, Largo dos Combatentes e a Rua Cândido Reis.

Resumo
O presente poster tem por base a identificação de um forno cerâmico durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico realizados no âmbito de um projeto de reabilitação de um imóvel em Ovar.
Trata-se de uma estrutura de combustão de formato subelíptico e perfil em U, aberta no solo natural, que pelos materiais recolhidos permitem balizar a sua construção e laboração entre os séculos XVIII-XIX. Sendo a primeira evidência arqueológica identificada em Ovar, localidade referenciada, desde cedo, como um dos principais centros oleiros de época moderna na região Centro.



Forno de cerâmica, na encosta da Arrábida: contributo para o conhecimento da história de Vila Nova de Gaia.

Graça Pereira e Helena Marçal
Arqueologia & Património

Nota biográfica

Maria da Graça Gonçalves Pereira, nasceu na Póvoa de Varzim a 30 de dezembro de 1974, frequentou o curso de História, variante de Arqueologia, via Educacional, na Faculdade de Letras do Porto (1993-1997). Colabora desde 2001 com a empresa – Arqueologia & Património, onde tem desenvolvido diversos trabalhos na área da arqueologia, em especial da arqueologia urbana e industrial na área do grande Porto.

Helena Isabel Marçal Gomes, nasceu no Bombarral a 9 de janeiro de 1975, frequentou o curso de História, variante de Arqueologia, via Educacional, na Faculdade de Letras do Porto (1993-1997). Colabora desde 2001 com a empresa - Arqueologia & Património, onde tem desenvolvido diversos trabalhos na área da arqueologia, em especial da arqueologia urbana na área do grande Porto.

Resumo

Os trabalhos arqueológicos, dirigidos pelas signatárias e realizados no âmbito do projeto de execução da Linha Rubi (Casa da Música – Santo Ovídio) — integrada no Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto (SMLAMP) —, na área dos pilares da Ponte Ferreirinha, permitiram a identificação de diversas estruturas associadas às várias fases de funcionamento da Fábrica de Cerâmica do Cavaquinho.

A antiga fábrica localizava-se na Quinta do Vale dos Amores, na zona ribeirinha de Vila Nova de Gaia, perto do Cais do Cavaco. Funcionou desde o final do século XVIII até ao início do século XX, dedicando-se ao fabrico de faiança e louça de pó de pedra.

Como testemunho da fase mais antiga de laboração da fábrica, foi identificado um forno cerâmico localizado a sudeste do pilar 5, no extremo nordeste do maciço de amarração. A estrutura encontrava-se preservada apenas ao nível da base, com o seu embasamento pétreo encaixado no substrato rochoso.

O forno possui uma entrada lateral e uma grelha. Esta última correspondia ao elemento estrutural que separava a câmara de combustão (fornalha) da câmara de cozedura, tendo sido construída em tijolo maciço. Os tijolos foram colocados de forma a deixar orifícios de dimensão regular que permitiam a passagem do calor. Estes orifícios eram cobertos por uma camada de argila que selava as juntas e regularizava a superfície de assentamento da louça.

Num dos limites da grelha, pensamos ter localizado os vestígios do arranque do alçado exterior da chaminé. Com este poster pretendemos dar a conhecer este achado, evidenciando o seu contributo para a evolução tecnológica da produção cerâmica em Vila Nova de Gaia e para a valorização do património industrial ribeirinho do Douro.



Entre as fábricas de louça de Sacavém e de Massarelos, porto: um desconhecido livro de receitas de William McClaren

António Manuel S. P. Silva
CITCEM, FLUP; C. M. Porto

Nota biográfica

Arqueólogo. Fez a sua formação nas Universidades do Porto (licenciatura e mestrado) e Santiago de Compostela (doutoramento). Investigador do CITCEM, Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura Espaço e Memória» (unidade de I&D 4059 da FCT). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. DOI institucional: https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025. Coordenador projeto CERPOR – Mil anos de Cerâmica no Porto. Técnico Superior na Administração Local, tem exercido a docência em diversas instituições de ensino superior. Desenvolve investigação, com centenas de trabalhos publicados, nas áreas da arqueologia e história, sendo o estudo da cerâmica arqueológica e etnográfica um dos seus campos de interesse. Orcid iD 0000-0002-2403-4737. amspsilva@hotmail.com

Resumo

Na transição entre os séculos XIX e XX a produção de faiança de mesa em Portugal contava já com mais de um século de história, mas as inovações técnicas de uma indústria florescente não prescindiam de velhas «receitas», ciosamente guardadas, que garantiam a composição das pastas, as cores ou os vidrados especiais que permitiam a algumas unidades fabris conservarem o seu padrão de fabrico ou ganharem vantagem à concorrência na conquista dos mercados.
Por vezes, os mestres ou diretores de produção deslocavam-se entre as fábricas ou iniciavam projetos empresariais próprios, levando, a par da experiência acumulada, o receituário próprio que perenizava a alquimia dos tons de azul, as pastas mais finas e resistentes ou os vidrados de toque que se cria inigualável.
Este terá sido o percurso do britânico William McLaren. Ceramista e mestre de produção na prestigiada Fábrica de Louça de Sacavém (fundada c. de 1856) nos finais do século XIX, em 1901 mudou-se para o Porto, adquirindo por trespasse a exploração da não menos prestigiada Fábrica de Louça de Massarelos, fundada em 1764 mas que passava então por uma grave crise e período de inatividade. Após alguns meses de gestão única, constituiu sociedade com outros investidores ingleses em novembro de 1901, gerindo a unidade industrial até à sua morte, por volta de 1908.
Entre os livros de uma biblioteca particular, entretanto incorporada numa instituição, ficou esquecido por mais de um século o livro de *Receipts* de William McLaren, encerrado por uma fechadura como é próprio dos conteúdos reservados, com o registo manuscrito das argilas, óxidos e outros elementos, na respetiva proporção, utilizados primeiramente na louça de Sacavém e provavelmente, com a mudança do mestre, replicados na de Massarelos. Trata-se de uma obra rara e valiosa para a história das técnicas da cerâmica industrial, que aqui se anuncia pela primeira vez.



Louça policroma da Fábrica de Santo António de Vale de Piedade em contexto arqueológico da década de 1840. Achegas para a classificação da faiança portuguesa oitocentista

Laura Sousa
CITCEM – FLUP

Nota biográfica
Licenciada em História Variante Arqueologia (2002), mestre em Arqueologia (2013) pela FLUP com a dissertação A Fábrica de Louça de Santo António de Vale de Piedade, em Gaia: arquitetura, espaços e produção semi-industrial oitocentista. Desenvolve o projeto de doutoramento Arqueologia da «Cerâmica Portuense»: A Fábrica de Santo António de Vale de Piedade no contexto da produção de faiança no Porto e em Vila Nova de Gaia (séculos XVIII–XX), financiado pela FCT (subsídio de investigação Doutor-AP 2024.17820.DAP). Técnica superior arqueóloga do Departamento Municipal de Património Cultural e Arte Pública da Câmara Municipal do Porto. Investigadora do CITCEM (referência UID/04059/2025 – https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025).

Resumo
Neste trabalho propomo-nos dar continuidade ao estudo das cerâmicas arqueológicas da Fábrica de Louça de Santo António de Vale de Piedade, importante unidade do centro produtor Porto – Gaia, ativa entre 1785 e cerca de 1930.
A partir da análise de fragmentos arqueológicos provenientes de um contexto de produção datado da década de 1840, estudam-se e sistematizam-se formas, ornamentos e composições decorativas, funções, serviços, técnicas e processos de fabrico da louça policroma em faiança. Através da divulgação e do conhecimento deste acervo arqueológico pretende-se fornecer dados que auxiliem à reflexão e classificação das peças de faiança portuguesa, em particular do século XIX, quanto a hipóteses de fabricos e datações, bem como prosseguir na construção de um catálogo que elucide sobre o que a Fábrica de Santo António de Vale de Piedade produziu. Esperamos, deste modo, poder contribuir para o mote das Jornadas, especialmente no respeitante à faiança portuguesa oitocentista.



Uma peça de merchandising oitocentista – o jarro henriquino (1894) da Fábrica da Torrinha (Vila Nova de Gaia)

António Manuel S. P. Silva
CITCEM, FLUP; C. M. Porto

Nota biográfica

Arqueólogo. Fez a sua formação nas Universidades do Porto (licenciatura e mestrado) e Santiago de Compostela (doutoramento). Investigador do CITCEM, Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura Espaço e Memória» (unidade de I&D 4059 da FCT). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. DOI institucional: https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025. Coordenador projeto CERPOR – Mil anos de Cerâmica no Porto. Técnico Superior na Administração Local, tem exercido a docência em diversas instituições de ensino superior. Desenvolve investigação, com centenas de trabalhos publicados, nas áreas da arqueologia e história, sendo o estudo da cerâmica arqueológica e etnográfica um dos seus campos de interesse. Orcid iD 0000-0002-2403-4737. amspsilva@hotmail.com.

Resumo

As comemorações do 500º aniversário do nascimento do Infante D. Henrique, em 1894, suscitaram na cidade do Porto, berço do Navegador, uma onde de exacerbado entusiasmo nacionalista. A par das iniciativas inseridas no programa oficial, que envolveram a emissão de selos e medalhas, cortejos cívicos pela cidade e pelo rio, espetáculos, o descerramento de uma lápide monumental na Casa do Infante e o lançamento da primeira pedra da sua estátua na praça fronteira, entre outras ações, também o comércio e a indústria locais se mobilizaram numa acirrada competição de lembranças com que locais e forasteiros pudessem perpetuar a memória da festa. Entre a oferta de bolachas com a cara do Infante, alfinetes para gravatas ou broches e pregadeiras, sabonetes, lenços ou chapéus e larga cópia de impressos, destacou-se a indústria cerâmica, que produziu pratos e outros objetos com iconografia henriquina.
Divulga-se agora um jarro em faiança, praticamente inédito, conservado na coleção museológica da Casa do Infante (Porto) e fabricado precisamente para assinalar as comemorações henriquinas de 1894. Trata-se de uma peça moldada, de aparato, que ilustra dentro de um medalhão o rosto do Infante (segundo os modelos românticos decorrentes da descoberta em 1841, na Biblioteca Nacional de Paris, da página iluminada da Crónica dos Feitos da Guiné, de Zurara), com a inscrição da sua divisa e as datas 1394-1894; em medalhão simétrico exibe uma caravela, evocando a chegada de Vasco da Gama à Índia (1498). Pela marca relevada inserta na base, aliás bastante incomum, o jarro foi produzido na Fábrica da Torrinha, que laborou entre 1844 e a segunda década do século XX.



Da olaria utilitária ao figurado: José Maria Rodrigues e Mestre Batata

Maria Alexandra de Oliveira Ribeiro Simões
Investigadora independente

Nota biográfica
Farmacêutica, colecionadora de arte popular e criadora do sítio olariaefigurado.pt.

Resumo
Propõe-se uma análise comparativa dos percursos de dois oleiros portugueses: José Maria Rodrigues (1906–1999), de Ribolhos, concelho de Castro Daire, no distrito de Viseu, e Mestre José Batata (1918–2007), de Vila Franca do Campo, na ilha de São Miguel, Açores. Partindo de contextos geográficos distintos e da prática da olaria utilitária, interessa compreender os processos que acompanharam a diversificação das respetivas produções e o desenvolvimento do figurado.
José Maria Rodrigues desenvolveu em barro preto um repertório figurativo próprio, constituído por representações de músicos e animais do mundo rural, enquanto Mestre Batata se distinguiu pela produção de apitos, brinquedos para crianças e de mealheiros antropomórficos. A comparação entre estas duas trajetórias procura identificar convergências e especificidades nas soluções formais e temáticas adotadas por cada oleiro e analisar em que medida a produção de figurado poderá ser entendida no quadro mais amplo das transformações do ofício, das estratégias de subsistência e da capacidade de adaptação dos oleiros. Pretende-se, assim, contribuir para o conhecimento destas duas produções e para a reflexão sobre a relação entre olaria utilitária, criatividade individual e figurado no contexto da arte popular portuguesa.